### Enquanto Narciso Invade o Congresso Brasileiro, Yanomamis Desaparecem nas Águas Ana Paula da Rosa[[1]](#footnote-2)

As eleições presidenciais do Brasil, realizadas em 2022, foram marcadas pelos conflitos e polarizações[[2]](#footnote-3) que resultaram na exaltação de ânimos, na violência e na tentativa de eliminação discursiva e, também, física do outro - daquele que pensa diferente. Numa manifestação contrária ao ideal da democracia, o país regrediu muitos anos em termos de politização. Enquanto o pleito trouxe uma exacerbação da politicagem em sua pior espécie, marcada por debates contra os sujeitos (inclusive em sua vida íntima e privada), deturpação de imagens e discursos e apropriação de mídias para produção de fake news, os valores democráticos, fruto de uma construção coletiva, foram sendo pouco a pouco soterrados em nome de valores morais, do conservadorismo, do capitalismo e dos interesses individuais.

A eleição de Luiz Inácio Lula da Silva, em segundo turno, mediante pequena diferença de votos, não encerrou a polarização, nem os conflitos. De um lado, a esperança em um futuro marcado pela retomada do crescimento do país, a valorização de minorias sociais apagadas durante o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022), e a expectativa de um reencontro com a democracia a partir do retorno de Lula da Silva ao poder 20 anos após a sua primeira eleição. De outro, porém, grande número de apoiadores bolsonaristas questionando o resultado das urnas e, sob a alegação de golpe, não reconhecendo a vitória de Lula da Silva, principalmente mobilizando um repertório de ideias vinculadas à 'guerra contra o comunismo’, à 'destruição da família' e dos valores morais.

Tais ideias estavam amparadas nos argumentos que o próprio Bolsonaro sempre defendeu, seja como candidato ou presidente, a combinação de patriotismo e 'amor a Deus', mesmo que tal díade fosse apenas uma faceta discursiva para encobrir posicionamentos misóginos, xenofóbicos e pautados por interesses econômicos. Aliás, os quatro anos do governo Bolsonaro foram marcados por posicionamentos polêmicos, vinculados a ideais conservadores e de extrema direita. Dentre esses posicionamentos destaca-se a desvalorização da vida e do conhecimento científico, em especial durante a pandemia de Covid-19, a qual foi tida pelo então presidente Jair Bolsonaro como uma ‘mera gripezinha’ enfrentada com um conjunto de ações negacionistas, contrárias à vacinação e ao isolamento social. Isso instaurou uma crise sanitária no país que teve registradas mais de 700 mil mortes. Ao mesmo tempo, durante o governo Bolsonaro, a situação de populações indígenas, por exemplo, foi duramente agravada. De um lado por questões de saúde pública, com a dificuldade de acesso à alimentação e a tratamentos médicos qualificados e, por outro, pela flexibilização de leis ambientais, permitindo a exploração de terras indígenas e áreas preservadas na Amazônia visando a ampliação de garimpos ilegais para extração de ouro e pedras preciosas.

Assim, o Brasil pós-eleições não apenas permaneceu dividido em termos de ideais políticos e siglas partidárias, mas também teve o seu principal símbolo nacional, a bandeira verde-amarela, em disputa. De um lado, os bolsonaristas apropriando-se de suas cores em nome da defesa de um Brasil (Figura 1), e de outro, as iniciativas dos lulistas de reapropriação do símbolo nacional aludindo a uma noção coletiva e de união (Figura 2).



Figura 1: Bandeira apropriada na campanha de 2018, Fonte: Reuters/Nacho[[3]](#footnote-4)

Multidão de pessoas

Descrição gerada automaticamente com confiança média

Figura 2: Bandeirão na posse de Lula. Fonte: Foto reprodução/*TV Brasil*[[4]](#footnote-5)

Contudo, esse cenário agudo, marcado por lógicas de mídia e de midiatização,[[5]](#footnote-6) teve seu auge após a posse. Esta, realizada em 1º de janeiro de 2023, foi cercada por controle e segurança devido à ameaça de um golpe ou de uma ação violenta contra a vida do presidente eleito. No entanto, foi só sete dias depois, no dia 8 de janeiro, que o Brasil viveu um dos piores momentos de sua história recente. Assim como o Capitólio, em Washington D. C., nos Estados Unidos, foi invadido por apoiadores do então presidente Donald Trump, em 2021, apoiadores de Bolsonaro invadiram as três instâncias do poder no Brasil: o Congresso, o Supremo Tribunal Federal e o Palácio do Planalto. O 'capitólio brasileiro' não somente carregou o *modus operandi* da ação norte-americana, mas acrescentou em seu fazer pelos menos três elementos: o ódio transformado em violência ao patrimônio público; a cooptação de populares, policiais e militares, e o narcisismo pela visibilidade midiática.[[6]](#footnote-7) E é sobre este terceiro aspecto que centramos nosso debate.

O 'Capitólio brasileiro' não foi apenas inspirado na contrapartida americana, mas uma cópia, cujos marcos memoriais podem ser analisados ponto a ponto. A questão é que reviver uma ação violenta não se restringe a sua mera repetição. Neste sentido, o acontecimento de 8 de janeiro, em Brasília, resultou não somente na destruição do patrimônio público, mas na tentativa de destruição completa dos valores democráticos e no assassinato simbólico daqueles que tentam manter, bem ou mal, sua existência. Uma tentativa de assassinato simbólico se faz pela imagem inscrita em circuitos midiáticos, tanto para destruir imagens precedentes como para erigir novas. A estratégia de ‘tomada do poder’ por supostos ‘cidadãos em marcha’, realizada na surdina, em um domingo, foi previamente orquestrada também nas mídias sociais e aplicativos de mensagens, considerando que não foi uma ação para impedir uma cerimônia, mas um acontecimento criado para significar um ato de posse. Eis aí a diferença central do episódio brasileiro. Aqui, Narciso efetivamente invadiu o Congresso.

Na mitologia grega, Narciso ficou conhecido como o jovem apaixonado por si mesmo, que admirava sua própria imagem refletida em um lago. Sua loucura estava no autoconsumo, na necessidade de se ver e na impossibilidade de evitar de se olhar. Sua paixão por si mesmo resultou em sua morte, afogando-se na própria imagem. A analogia aqui feita com o mito é que na invasão aos Três Poderes, no Brasil, os próprios invasores produziram um sem-número de imagens de suas ações. Admirados de sua coragem, admiraram-se na produção imagética para as mídias sociais. Não bastava ocupar e destruir – era preciso mostrar a si mesmo, registrar a ‘beleza’ do ato. Assim, vídeos, narrativas de minuto a minuto, e trocas de mensagens em aplicativos passaram a ser não apenas um complemento, mas parte constituinte da invasão que se deu no território físico, mas também nas águas profundas do território discursivo midiático.

Neste sentido, as práticas sociais estão profundamente marcadas pela midiatização[[7]](#footnote-8) no Brasil, a ponto de ser impossível conter a circulação midiática.[[8]](#footnote-9) Do mesmo modo que esta produção amadora de imagens ganhou espaço entre bolsonaristas que não participaram da manifestação em Brasília, também se transformou, posteriormente, em elemento de prova criminal de participação, em detalhamento sobre as ações e num show de horrores em que não há diferença entre ser visto e fazer-se ver. No Brasil, a invasão dos poderes é uma ação feita para a circulação[[9]](#footnote-10). Assim, a proposta é investigar a dimensão narcisística dos invasores em duplo sentido: o da autocontemplação e do valor de exposição para o consumo do outro.

Contudo, em menos de 20 dias após a ação em Brasília, uma outra situação veio à tona também a partir da imagem. Uma denúncia tornou pública uma crise humanitária envolvendo os povos indígenas Yanomami. Mais de 570 crianças teriam morrido entre 2019 e 2022 de doenças como malária e desnutrição, além de complicações da Covid-19. As imagens do horror da fome e das condições desumanas de vida foram disponibilizadas na imprensa e em mídias sociais e, a partir disso, uma mobilização política e social se formou, derivando em uma das primeiras ações políticas do governo Lula ao decretar Emergência em Saúde no estado de Roraima, onde os Yanomamis habitam a sua região de fronteira. As águas dos rios, contaminadas com mercúrio por garimpos ilegais, consomem a população indígena,[[10]](#footnote-11) eliminando não apenas sua cultura, mas seu direito de existência.[[11]](#footnote-12)

Desta forma, este artigo busca problematizar, a partir de uma analogia, a invasão ocorrida em Brasília e a crise humanitária em Roraima tomando como eixo central a dimensão da imagem e sua força, seja como elogio à vaidade, seja como denúncia. Considerando que a produção imagética, atualmente, ganha amplitude na circulação midiática, interessa-nos pensar o papel da imagem no agenciamento dos sentidos sobre estes conflitos midiatizados[[12]](#footnote-13) e, em especial, no que tais imagens podem nos permitir compreender sobre as práticas sociais e as dinâmicas comunicativas que revelam tanto o culto à exposição, como no caso do 8 de janeiro, como o desaparecimento de sujeitos pela invisibilidade, como no caso da crise humanitária Yanomami.

## O Culto à Exposição: Narciso Quer Fazer-se Ver

O acontecimento de 8 de janeiro carrega as marcas do acontecimento anterior, a invasão ao capitólio americano ocorrido em 2021, numa espécie de recorrência. Trata-se de uma clara apropriação não só da ideia da ocupação do centro do poder em forma de um protesto, mas também das lógicas de organização, gestão e visibilização do crime para e nas mídias. Considerando que a invasão dos centros de poder do Estado significa uma ação contra o Estado Democrático de Direito, nota-se nos dois casos (EUA e Brasil) um modus operandi centrado na violência física e material ao patrimônio público, mas especialmente uma violência simbólicaexpressa pela destruição de objetos (de obras de arte à infraestrutura) e pela exposição midiática contínua na tentativa de erigir um outro símbolo, sobreposto, à imagem de um país, um símbolo deturpado por uma camada ideológica.[[13]](#footnote-14) Para promover um assassinato simbólico, visto não ser possível mudar o resultado das urnas, recorreu-se a uma múltipla ofensiva: no território físico, a depredação, a ocupação e o avançar (em marcha) para tomar, à força, os espaços e edifícios públicos dos centros de poder. No território midiático, a orquestração prévia via aplicativos de mensagens (como o Whatsapp, Telegram) e a produção de imagens em vídeos e fotos para as redes sociais para tomar o espaço simbólico. Aqui, quando usamos palavras como ‘tomar’, ‘ofensiva’ e ‘em marcha’ nos referimos a movimentos típicos de guerras e de ocupação de territórios pelas forças militares, neste caso transformadas em forças de ataque.

Assim, é interessante observar que o ataque ocorrido no Brasil toma o anterior, ocorrido nos Estados Unidos, como uma espécie de cartilha didática. Tal didatização, porém, levada à cabo no Brasil é agudizada tanto pela penetração das mídias digitais, fortemente utilizadas desde a campanha presidencial de 2018,[[14]](#footnote-15) quanto pela adesão às lógicas de mídia tais como Instagram. Dados de uma pesquisa sobre o uso de mídia no Brasil, em 2022, demonstram que os três aplicativos mais utilizados pelos brasileiros são o Whatsapp, o Instagram, e o Youtube.[[15]](#footnote-16) Essas plataformas são fortemente atravessadas pela linguagem audiovisual, onde a imagem tem centralidade. O Brasil, aliás, é o segundo país em número de usuários do Instagram, só ficando atrás dos Estados Unidos. Estes dados reforçam as semelhanças entre os dois países quanto ao uso e adesão aos meios, bem como uma semelhança no modo de transpor o debate político para uma esfera midiática, nas redes, o que se viu tanto no governo Trump (2016-2021), quanto no de Bolsonaro (2019-2022).

O deslocamento do espaço do debate para as mídias sociais fez deslocar também o lugar da mediação. Não mais centrado no papel do jornalismo ou das mídias tradicionais, mas passando a voz (e as condições de produção) para uma pluralidade de sujeitos que se apropriaram das lógicas de mídia transformadas em experimentações de interação social. Embora este processo seja característico da sociedade em midiatização, a diferença observada, neste caso, é que a ascensão ao espaço midiático das redes foi feito com o objetivo deliberado de construir versões e visões da situação política, produzindo uma hegemonia artificial e eliminando qualquer forma de debate ou de diálogo. Ou seja, o deslocamento do debate político para as redes, como lócus onde a política se faz, implicou no esvaziamento da reflexão e da crítica, ao mesmo tempo em que na ampliação das narrativas ficcionais, das *fake news* e do apelo aos discursos e imaginários sociais. Assim, o questionamento às instituições sociais vem se dando, nos últimos anos, tanto por aquilo que agentes políticos dizem e fazem nas redes, como naquilo que se autoriza (e estimula) a fazer em nome da defesa de um ideal.

Neste aspecto, a questão da imagem, aqui, adquire um status muito significativo. Os atos de 8 de janeiro são produzidos para o território das redes, performados. Trata-se não somente do registro da ação, mas de sua transmissão ao vivo para as redes, de um documento para a posteridade em alusão a um ato heróico. Há aí tanto uma audiência para estes vídeos e fotos, como uma lógica de aplicativos que definem a realidade pela dimensão da imagem. A ocupação em Brasília, portanto, não existiria sem a imagem. Essa centralidade revela a característica narcisística da sociedade ou, como bem aponta Byung-Chul Han, a ‘sociedade de exposição’.[[16]](#footnote-17) Para o autor, há uma coação por exposição que coloca a visibilidade como valor central das relações. Essa exigência de exposição leva a uma forma de controle marcada pela crescente demanda de se fazer imagem, de aderir e adentrar no espaço discursivo, ‘expondo-se e desnudando-se, expondo-se ao mercado panóptico’, como salienta Byung-Chul Han. Neste mesmo sentido, Dietmar Kamper considera que o existente precisa ser visível, pois ‘tudo que não é visível é tido como inútil e descartado antes mesmo de entrar no jogo. Por sua vez, a imagem apropriada ao olhar, com a participação daquele que é olhado, pode ser formada ativamente nas repetidas encenações de toda uma vida’.[[17]](#footnote-18) Assim, o narcisismo aqui abordado remete à adoração da autoimagem, já a autoexposição refere-se à necessidade de contemplação dos outros. Isto envolve a atração pela própria imagem e o voyeurismo, sentido por quem assiste à performance à distância. Evidencia-se duas formas de autoerotismo distintas, mas comparáveis: o prazer de se fazer imagem e o de ser visto durante o ato.

No caso do ‘Capitólio brasileiro’, muitos daqueles que participaram da ação nas ruas de Brasília passaram a produzir imagens de si em ato, agenciando sentidos na circulação midiática por meio de postagens nas mídias sociais. Tais imagens foram sendo reinscritas e postas em um fluxo adiante. A intenção de promover um assassinato simbólico, portanto uma destruição do centro do poder *pela* e *na* imagem, evidencia o culto à exposição, mas também o culto à violência, no momento em que a ação de destruir, documentada e disponibilizada em dispositivos, é forma de exercício de poder sobre os outros. É interessante observar que a própria orquestração da ação se deu orientada pela lógica da produção de imagens e da circulação midiática. O que mais se viu foram celulares em punho registrando o momento da tomada do Palácio do Planalto, ao mesmo tempo a estética da selfie e dos vídeos feitos em primeiríssimo plano (Figuras 3 e 4 abaixo).

Pessoas sentadas em frente a janela

Descrição gerada automaticamente

Figura 3: Manifestantes registram a tomada do prédio com celulares. Fonte: Reprodução Twitter/*CNN*.[[18]](#footnote-19)

Foto editada de rosto de homem visto de perto

Descrição gerada automaticamente com confiança média

Figura 4: Frame de vídeo produzido por ator social com a estética da selfie. Fonte: Youtube.[[19]](#footnote-20)

Contudo, o discurso proferido nos vídeos foi frequentemente recortado por palavras do tipo ‘É nosso direito’, ‘Olha isso, Brasil!’, ‘Olha isso aqui’. O caráter performático da ação é evidente no uso das câmeras, na convocação na fala de sujeitos externos (de políticos a colaboradores), no uso de palavras de ordem, na voluntarização para se fazer imagem. Diversas lives foram realizadas durante a ocupação, a exemplo de uma com duração de 4h30min realizada por um ex-participante de um reality show no Brasil. No vídeo, transmitido pelo Instagram, o manifestante alegou várias vezes estar ‘fazendo história’ e enfatizou o fato de estar ‘mostrando tudo ao vivo para vocês direto de Brasília’. Ou seja, a lógica de mídia apropriada a ponto de se transformar na tônica da invasão, isto é, uma produção proliferante de fotos e vídeos.

Porém, ao mesmo tempo em que é possível observar os aspectos narcisísticos da operação, nota-se também que a imagem produzida é prova do feito, do ato de coragem, e servindo também prova criminal após o evento. Sandra Jeppesen, ao abordar o ocorrido nos Estados Unidos, em 2021, trata dessa dualidade da imagem ao pensar o crime de performance, isto é, um crime em que os próprios executores registram e compartilham intencionalmente o momento do crime, fornecendo evidências que podem ser usadas na sua própria penalização.[[20]](#footnote-21) A autora enfatiza que, nestes casos, o foco está numa autoexposição voluntária para a mídia:

The crime is performed only to be documented, shared, have an audience, receive applause, and thus yield the perpetrator notoriety and fame as the subject of the performance. The achievement of fame exceeds the enactment of the crime. The performance may not even be understood as a crime by the performer. In the extreme, the performer sees only the mediatization and not the crime.[[21]](#footnote-22)

Em seu estudo, Jeppesen localiza o ‘crime de performance’ na interface entre a criminologia e os estudos de mídia. Esse atravessamento repercute também no tratamento da própria investigação policial derivada dos conflitos midiatizados. Tanto no caso dos Estados Unidos quanto do Brasil, celulares foram apreendidos e vídeos feitos por jornalistas, policiais, além dos próprios conteúdos compartilhados passaram a compor elementos para a responsabilização dos envolvidos. Isso significa dizer que o culto à exposição, enquanto performance e narcisismo, também levou ao seu uso enquanto elemento de sentença. Jeppesen enfatiza que a câmera não retrata a realidade, mas enquadra e constrói uma narrativa, colocando em jogo os paradoxos da midiatização e do poder.

E é sobre esta relação da midiatização e do poder permeada pela dimensão da imagem que partimos para a observação de uma situação oposta à relatada até aqui. Se no caso dos manifestantes ocupando os poderes em Brasília nos deparamos com um movimento performático de super-exposição para as telas, no caso dos Yanomami, em Roraima, a imagem revela um movimento performático oposto, o de morte e desaparecimento.

## *Imagem-denúncia*: Quando as Imagens Revelam o Desaparecimento

O segundo acontecimento abordado neste texto trata de um crime não performado – ao contrário, sua essência é exatamente a invisibilidade e o silenciamento. Menos de 20 dias depois da ação em Brasília, uma denúncia tornou pública a crise humanitária envolvendo os povos indígenas no Brasil.[[22]](#footnote-23) Na reserva Yanomami, localizada entre os estados de Roraima e Amazonas, na fronteira com a Venezuela, centenas de indígenas teriam morrido vitimados por doenças como a malária e, especialmente, a desnutrição. Em janeiro de 2023, imagens do horror da fome e de precárias condições de saúde, agravadas pelo descaso governamental durante o mandato de Bolsonaro e o impulso extrativista que incentivou a presença de garimpos ilegais na região, ganharam espaço midiático a partir de sua inscrição na circulação por parte de uma associação vinculada aos povos Yanomami, a Urihi Yanomami. Fotografias de crianças desnutridas, pele e osso, foram postadas em mídias sociais pela associação como imagem denúncia de uma situação alarmante (Figuras 5 e 6).

Grupo de pessoas andando na terra

Descrição gerada automaticamente com confiança média

Figura 5: Fotografia de crianças desnutridas veiculadas por ativistas. Fonte: Urihi Yanomami.

Uma imagem contendo pessoa, mesa, banco, comida

Descrição gerada automaticamente

Figura 6: Mãe e filho em estado de desnutrição severa viralizaram nas redes Fonte: Urihi Yanomami.

A partir de então, um amplo circuito passou a se desdobrar, com as imagens sendo repercutidas nas mídias tradicionais, como os principais jornais e emissoras de televisão do Brasil e do mundo. Além disso, debates envolvendo atores sociais e o campo político passaram a tensionar tanto a veracidade das imagens quanto das políticas públicas e dos direitos dos povos indígenas no país. Postagens de atores sociais identificados com o bolsonarismo, em diferentes mídias sociais (Facebook, Instagram e Twitter), chegaram a ser feitas alegando que não tratava-se de índios brasileiros, mas de venezuelanos, e até agências de verificação de dados (*fact-cheking*) foram mobilizadas para averiguar a credibilidades das denúncias. Isso demonstra que as imagens passaram a estimular uma intensa disputa de sentidos por meio de apropriações diversas, questionando ora a veracidade das imagens, ora a responsabilização política do governo Bolsonaro.

Percebe-se que, neste caso, as imagens de horror, aquelas que Susan Sontag chamaria de ‘fotos-choque’,[[23]](#footnote-24) passaram a agenciar a circulação discursiva dando visibilidade a uma pauta soterrada pelas questões políticas das eleições de 2022. Quando a tática midiática da denúncia é desenvolvida pelo coletivo de defensores dos indígenas, através da Associação Urihi, fica explícito que a lógica de midiatização precisa ser entranhada pelos atores sociais para que sua voz faça eco.[[24]](#footnote-25) Assim, a associação lança mão de um conjunto de postagens no Instagram e em outras redes, inclusive com uma campanha para arrecadação de fundos para ações de combate à desnutrição, o que seria papel do Estado[[25]](#footnote-26). Aliás, até bem pouco tempo os Yanomamis não dependiam de doações, pois extraiam seu sustento da sua própria terra. Porém, o modo de vida tradicional foi pouco a pouco sendo inviabilizado, exatamente pela falta de políticas públicas e de ações do governo. Por causa disso, em 21 de janeiro de 2023, o governo Lula enviou à Terra Yanomami agentes do Ministério Público e o próprio presidente esteve na reserva para acompanhar a situação. Assim, o governo decretou ‘Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional’ e vem tentando levar tratamento médico e suporte alimentar aos indígenas, bem como desenvolver ações de retirada dos garimpos ilegais. Contudo, a situação extrema vem sendo chamada como um cenário de guerra, impossível de se olhar.

Ao pensar na dimensão da imagem na crise humanitária Yanomami, temos um movimento completamente diferente do crime de performance do 8 de janeiro. Aqui, todo o esforço dos apoiadores de Bolsonaro é para manter os indígenas invisíveis, não somente enquanto imagem midiática, mas invisíveis enquanto vidas a serem preservadas. Vivendo sob pressão de necropolíticas,[[26]](#footnote-27) os Yanomami ascendem ao espaço midiático não por seu movimento de voluntarização ou de autoexposição, como visto na ação de invasão dos Três Poderes, mas porque perdem até mesmo seu direito de imagem quando suas fotografias galvanizam o mundo. Trata-se de pensar que todo seu esforço de preservação cultural e de resistência à ‘sociedade da exposição’ sucumbe diante da negação dos direitos humanos mais básicos como a alimentação e a saúde. Neste sentido, as fotografias circulam como um grito de ajuda contra anos de silenciamento. A imagem retira o crime das sombras, ela denuncia e, ao mesmo tempo, convoca a todos os que a contemplam a um *mea culpa*, visto que invisibilidade não significa a inexistência ou a ausência de vidas. De certa forma, a não adesão ao discurso expositivo coloca os Yanomami em suspensão. Estão lá, mas não os vemos. Se não os vemos,infelizmente, o potencial de engajamento também se reduz. Certamente, diversas iniciativas (documentários, reportagens, atuações de ativistas) vêm sendo feitas para expor ao mundo as atrocidades sofridas pelos indígenas, porém esbarram exatamente nas ações truculentas que calam vozes, e não raro ceifam vidas, pela força.

E é aí que a imagem-denúncia, pensada para a inscrição na circulação midiática, passa a tornar visível um desaparecimento. Aqui a fotografia assume o lugar de uma ação de restituir um poder destituído, o da própria vida levada pelas águas contaminadas dos garimpos. Judith Butler, ao referir-se à circulação de fotografias de torturados, indica que esse movimento de visibilidade torna-se uma condição pública para a própria indignação e postura política, mas que isso esbarra nos enquadramentos.[[27]](#footnote-28) E estes, por sua vez, são marcados por uma não visão, isto é, uma norma desumanizadora que restringe até mesmo aquilo que pode ser percebido.

Certamente, o debate da exploração da imagem e do esvaziamento da questão pela reiterada exposição da dor do outro também ocorre no caso da crise sanitária na reserva indígena. Porém, como já apontava Sontag, há algum outro modo de ver que não à distância? O que diferencia o ver de um fazer? ‘Nós não percebemos. Não podemos, na verdade, imaginar como é isso’.[[28]](#footnote-29) Ante a impossibilidade de imaginar, a imagem-superfície. Kamper argumenta que o imaginário midiático se concretiza em ídolos e palavras, ‘vive da vida das pessoas, porém não sem algum voluntarismo dos envolvidos. Afinal o poder do imaginário provém do imaginário do poder’.[[29]](#footnote-30) Voltamos ao ponto.

## 

## Entre Sedutoras, Sedentas, Sedantes:[[30]](#footnote-31) a imagem e sua força

O papel da imagem, nos dois casos que observamos neste trabalho, é o que faz a tessitura entre duas situações tão díspares e tão complexas, mas que se desenrolam num espaço de tempo muito próximo. O primeiro mês do ano de 2023, no Brasil, foi marcado por fatos históricos, mas fatos que não queremos tornar memoráveis. De um lado, um ataque aos valores democráticos e às instituições, de outro, um ataque a uma população originária do país. No capitólio brasileiro de 8 de janeiro, a sede pela visibilidade midiática promove uma invasão de múltiplos narcisos no território midiático. Eles narram seus feitos, admiram-se de suas poses e closes*.* Revelam seus rostos, mostram suas vozes. Não há necessidade de proteção, pois o desnudamento midiático protege no avançar de circuitos cujos apoiadores e audiências acompanham os atos criminosos minuto a minuto. A lógica da midiatização transforma o desejo narcisista de ser visto em imagem prova e, neste jogo performático de dar a ver, as imagens viram, duplamente, arma. Inclusive aquelas aparentemente imperceptíveis dos circuitos internos de televisão e segurança. Nesta situação, a tentativa de um assassinato simbólico da democracia e de um ideal de país se faz pela inscrição das imagens em fluxos. Instagram, Facebook, Youtube, Whatsapp... não importa o nome da mídia ou do aplicativo, importa ceder à sede das imagens.

Já no caso dos Yanomami, as imagens não são sedutoras, mas sedantes, elas buscam uma forma de aliviar/conter a dor de um crime silencioso a partir de sua exposição. Como denúncia, instalam-se para tornar visíveis ações de humanos contra humanos que não respeitam nenhum tipo de valor, exceto o do poder. Na reserva Yanomami, a adesão à exposição se faz necessária para evitar o desaparecimento sem vestígio, coibir a manutenção de táticas de apagamento e silenciamento, e buscar por uma responsabilização. Não se trata de ascender à esfera midiática para desnudar-se diante das telas, são os próprios corpos desnudos e desnutridos, quase objetificados, alçados a uma condição de perceptíveis aos olhos. Aos nossos olhos. A lógica da midiatização, aqui acionada pela atorização social, transforma a imagem registro em imagem prova não de um *isso foi*[[31]](#footnote-32) no tempo passado, mas de um *isso é.* Esta imagem-operação coloca em cena uma postura de luta pela valorização da vida, rompendo com ações calcadas na biopolítica moderna, como discutido por Agamben. Para o autor, o que está em jogo é o poder de decidir ‘sobre o ponto em que a vida cessa de ser politicamente relevante’.[[32]](#footnote-33) Desta forma, quando a imagem-denúncia circula e reverbera em circuitos múltiplos de atores sociais se está questionando o poder soberano de quem decidiu, previamente, o desvalor de uma vida. A vida nua dos Yanomamis, desnudada diante de nós, convoca a uma retomada do corpo biopolítico em enfrentamento às necropolíticas já tão instaladas.

Analogamente, as duas situações tomam como eixo central a dimensão da imagem, tanto como elogio à vaidade e à loucura, quanto à sua força como denúncia. Assim, considerando a amplitude da produção imagética para agenciar a circulação midiática, isto é, a disputa pela produção de sentidos nas interações sociais, percebe-se que os conflitos têm sua natureza profundamente alterada pela midiatização. Neste sentido, Fausto Neto alerta para ‘uma nova arquitetura comunicacional no seio da qual as interações sociais se dão em meio a intensos e complexos feedbacks’.[[33]](#footnote-34) Tais feedbacks são característicos do processo de circulação, sendo que à midiatização ‘corresponde ao estágio atual da sociedade em que vivemos, caracterizado pela revolução que a internet promove em termos do acesso ao conhecimento, à cultura e às instituições’[[34]](#footnote-35) e a todos os conflitos que emergem destas relações.

Quando se mencionam ‘conflitos midiatizados’ não se trata apenas de um qualificador, mas sim de evidenciar uma especificidade fenomenológica. Tanto a invasão em Brasília quanto a crise Yanomami são frutos de uma lógica que é anterior à própria instalação do conflito – está na sua base. Se expor é o objeto da ocupação, evitar qualquer rastro de imagem é a tônica do genocídio. Isto posto, cada vez mais se faz necessário refletir sobre as práticas sociais atuais envoltas e atravessadas pelas dinâmicas comunicacionais das quais não somos nem reféns, nem vítimas, nem meros espectadores, mas partícipes. Assim, ante o poder da imagem, importa pensar o imaginário do poder.

## Bibliografia

Agamben, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua* *I*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

‘Apoiadores de Lula abrem o bandeirão do Brasil durante a posse do presidente’, *Estado de Minas,* 1 January 2023, https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/01/01/interna\_politica,1439653/apoiadores-de-lula-abrem-bandeirao-do-brasil-durante-a-posse-do-presidente.shtml.

*A Última Floresta*, (Dir. Luiz Bolognesi, 2021), Netflix, https://www.netflix.com/se/title/81503933.

Barthes, Roland. *A câmara clara*, Trad. Julio Castanon Guimaraes, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

Bourdieu, Pierre. *O poder simbólico*, Trad. Fernando Tomaz, Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 2011.

Braga, José Luiz. ‘Polarização como estrutura da intolerância: uma questão comunicacional’, In: Heller, Barbara; Cal, Danila, Rosa, Ana Paula (org.), *Midiatização (in)tolerância e reconhecimento*, Salvador: EDUFBA, 2020, pp. 19-32.

Braga, José Luiz. ‘Lógicas da mídia, lógicas da midiatização?’, in Cingolani, Gastón (org.), *Relatos de investigaciones sobre mediatizaciones*, Rosario: CIM, 2015, pp.1-20.

Butler, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?*, Trad. Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

Byung-Chul, Han. *Sociedade da transparência*, Trad. Enio Palo Giachini, Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

Dias, Juliana and Altino, Lucas. ‘Após denúncia de mortes de crianças Yanomami por desnutrição grave, Funai e Ministério da Saúde montam estratégia emergencial’, *O Globo*, 20 January 2023, https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/01/apos-denuncia-de-mortes-de-criancas-yanomami-por-desnutricao-grave-funai-e-ministerio-da-saude-montam-estrategia-para-acoes-emergenciais.ghtml.

Fausto Neto, Antônio et al. *Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação*, São Leopoldo: Unisinos, 2013, pp. 43-64.  
\_\_\_\_\_\_. ‘Mediação, midiatização: conceitos entre trajetórias, biografias e geografias’ in Jairo Ferreira et al. *Entre o que se diz e o que se pensa: onde está a midiatização*. Santa Maria: FACOS, 2018.

Hjavard, Stig and Mortesen, Mette. *The Dynamics of Mediatized Conflicts*, New York: Peter Lang, 2015.

Jeppesen, Sandra. ‘Performance Crime and Self-Surveillant Subjects in the Capitol Riots’, in Jeppesen, Sandra et al, *The Capitol Riots*, New York: Routledge, 2021, pp. 135-157.

Kamper, Dietmar. *Mudança de horizonte: o sol novo a cada dia*. Trad. Danielle Naves de Oliveira, São Paulo: Paulus, 2016.

Kemp, Simon. ‘Digital 2023: Brazil’, 12 February 2023, https://datareportal.com/reports/digital-2023-brazil.

Kopenawa, Albert, Bruce, Davi. *A queda do céu : Palavras de um xamã yanomami.* Trad. Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

‘Líderes mundiais parabenizam Brasil na eleição de Bolsonaro na presidência’, *Sputnik News Brazil*, 29 October 2018, ‘https://sputniknewsbrasil.com.br/20181029/lideres-mundiais-parabenizam-brasil-eleicao-bolsonaro-presidencia-12545198.html.

‘Mais de mil indígenas Yanomami em estado grave foram resgatados nos últimos dias, diz secretário’, in *G1* Roraima, 24 January 2023, https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2023/01/24/mais-de-mil-indigenas-yanomami-em-estado-grave-foram-resgatados-nos-ultimos-dias-diz-secretario.ghtml.

Mbembe, Achille. *Necropolitics*, Transl. Steven Corcoran. Durham: Duke University Press, 2019.

Putini, Juliana. ‘Ministério da Saúde decreta emergência de saúde pública para combater desassistência de indígenas Yanomami’, *G1*, 20 January 2023. https://g1.globo.com/saude/noticia/2023/01/20/ministerio-da-saude-decreta-emergencia-de-saude-publica-para-combater-desassistencia-de-indigenas-yanomami.ghtml.

Rosa, Ana Paula. ‘Midiatização das imagens: o contra-agenciamento em circulação do caso Marcos Vinicius’, in Sá, Simone; Amaral, Adriana, Janotti Junior, Jeder (org.), *Territórios afetivos da imagem e do som*, Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020: 294-309.

\_\_\_\_\_\_. ‘Circulação: das múltiplas perspectivas de valor à valorização do visível’, in *Revista Intercom – RBCC 42.2* (May/August 2019): 21-33.

\_\_\_\_\_\_. ‘A imagem como referência: tensionamentos entre visibilidade e apagamentos na circulação midiática’, in *Jornada CAPES-Stint*, São Leopoldo/Stockholm, 8 July 2021, https://www.youtube.com/watch?v=yV3\_CFYLC9g&t=69s.  
  
‘Radicais invadem e depredam o Planalto, Congresso e o Supremo’, *CNN Brasil*, 8 January, 2023. https://www.cnnbrasil.com.br/politica/radicais-invadem-e-depredam-planalto-congresso-e-supremo-veja-imagens/.

Silva, Vitor. ‘Um olhar diferente do Brasil - Invasão do Congresso por populares’. Youtube. Janeiro 8, 2023.. https://www.youtube.com/watch?v=e4litzHI65Y.

Sontag, Susan. *Diante da dor dos outros*, Trad. Rubens Figueiredo, São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Verón, Eliseo.Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. *MATRIZes* 8 (1),, 2014 p.13-19. https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i1p13-19.

@urihiyanomami, ‘Desnutrição na terra Yanomami’, Instagram post, 20 January 2023, 14:30, https://www.instagram.com/p/CnorWm0OLwc/?utm\_source=ig\_web\_copy\_link&igshid=MzRlODBiNWFlZA==.

@urihiyanomami, Instagram post, 9 February 2023, 10:02, www.instagram.com/p/Coc5I7gPKEl/?igshid=YmMyMTA2M2Y%3D.

1. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), professora e pesquisadora na mesma instituição. anaros@unisinos.br. [↑](#footnote-ref-2)
2. José Luiz Braga, ‘Polarização como estrutura da intolerância: uma questão comunicacional’, in Barbara Heller; Danila Cal e Ana Paula da Rosa. *Midiatização (in)tolerância e reconhecimento*. Salvador: EDUFBA, 2020. [↑](#footnote-ref-3)
3. Imagem disponível em ‘Líderes mundiais parabenizam Brasil na eleição de Bolsonaro na presidência’, *Sputnik News Brazil*, 29 October 2018, ‘https://sputniknewsbrasil.com.br/20181029/lideres-mundiais-parabenizam-brasil-eleicao-bolsonaro-presidencia-12545198.html. [↑](#footnote-ref-4)
4. Imagem disponível em ‘Apoiadores de Lula abrem o bandeirão do Brasil durante a posse do presidente’, *Estado de Minas* 1 January 2023, https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/01/01/interna\_politica,1439653/apoiadores-de-lula-abrem-bandeirao-do-brasil-durante-a-posse-do-presidente.shtml. [↑](#footnote-ref-5)
5. José Luiz Braga, ‘Lógicas da mídia, lógicas da midiatização?’, in Gastón Cingolani, ‘*Relatos de investigaciones sobre mediatizaciones’*, Rosario: CIM, 2014, pp. 1-20. [↑](#footnote-ref-6)
6. Ana Paula da Rosa, ‘Midiatização das imagens: o contra-agenciamento em circulação do caso Marcos Vinicius’, in Simone Sá, Adriana Amaral e Jeder Janotti Júnior, ‘*Territórios afetivos da imagem e do som’*, Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020, pp. 294-309. [↑](#footnote-ref-7)
7. O conceito de midiatização vem sendo elaborado a partir de diferentes olhares tanto na América Latina quanto na Europa. Em nossa abordagem se refere a um processo de longa duração que contempla o que Eliseo Verón chama de semioantropológico. Tal processo não diz respeito somente ao crescente uso das mídias, mas à complexificação da sociedade em decorrência da transformação de tecnologias em meios de comunicação que afetam as práticas sociais. Esse afetamento não é apenas pela ampliação do espaço discursivo, mas a própria vida passa a ser atravessada por lógicas de mídia e midiatização. Ver Eliseo Verón, ‘Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências’, in *MATRIZes* 8 (1),, 2014 p.13-19. [↑](#footnote-ref-8)
8. Antonio Fausto Neto, ‘Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação?’ in Antônio Fausto Neto et al (org.), *Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação*, São Leopoldo: Unisinos, 2014. [↑](#footnote-ref-9)
9. Ana Paula da Rosa, ‘Circulação: das múltiplas perspectivas de valor à valorização do visível’, in *Revista Intercom – RBCC*, (May/August, 2019). [↑](#footnote-ref-10)
10. Embora neste texto esteja evidenciada a relação com as águas dos rios, numa relação direta com Narciso que se vê tragado pelas águas, a situação dos Yanomami não se restringe à poluição dos rios por minérios. Os efeitos destas atividades de mineração têm impactado tanto na fauna e na flora, como no habitat dos povos indígenas, visto que a presença dos brancos traz consigo doenças desconhecidas às tribos e o processo de destruição da cultura local. Em ‘A queda do céu’ (2015), Davi Kopenawa traça um retrato dos Yanomami feito de dentro, isto é, a partir do prisma dos próprios indígenas e de sua cultura ancestral. Somente no início do século XX os primeiros contatos com o povo branco foram realizados e de lá para cá, além de epidemias letais, as aberturas das fronteiras da comunidade tem gerado uma ‘corrida do ouro’ com a instalação de garimpos ilegais que destroem a floresta. Para esses garimpos foram feitas grandes áreas de desmatamento, valendo-se da violência tanto contra a vida dos indígenas, quanto da precarização de suas condições de subsistência. Assim, a floresta como um lugar de ampla abundância vem, gradualmente, se transformando em um cenário de carência, fome e desnutrição. Ou seja, a crise humanitária não é algo recente, mas um processo de longa data que a cada dia vai ganhando contornos mais fortes. Mais sobre os Yanomami no livro mencionado, como também em documentários como *A última floresta, (*Dir. Luiz Bolognesi, 2021), Netflix, https://www.netflix.com/se/title/81503933. [↑](#footnote-ref-11)
11. Ana Paula da Rosa, ‘A imagem como referência: tensionamentos entre visibilidade e apagamentos na circulação midiática’, *Jornada CAPES-Stint*, São Leopoldo/Stockholm, 8 July 2021, <https://www.youtube.com/watch?v=yV3_CFYLC9g&t=69s> [↑](#footnote-ref-12)
12. Stig Hjavard and Mette Mortesen, T*he Dynamics of Mediatized Conflicts*, New York: Peter Lang, 2015. [↑](#footnote-ref-13)
13. Pierre Bourdieu, ‘*O poder simbólico*’, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. [↑](#footnote-ref-14)
14. As eleições em 2018, no Brasil, ficaram marcadas pela ascensão da extrema direita e uso das redes sociais e dos *bots* para propagar *fake news* e espalhar um discurso de ódio. Diz-se que a campanha teve como principal lócus as mídias digitais. [↑](#footnote-ref-15)
15. Relatório disponibilizado em 2023, produzido em parceria por *We Are Social* e *Meltwater*, Simon Kemp, ‘Digital 2023: Brazil’, 12 February 2023, https://datareportal.com/reports/digital-2023-brazil. [↑](#footnote-ref-16)
16. Byung-Chul Han, *Sociedade da Transparência*, Rio de Janeiro: Vozes, 2017, p. 108. [↑](#footnote-ref-17)
17. Dietmar Kamper, *Mudança de Horizonte*: *o sol novo a cada dia, mas nada de novo sol*l, São Paulo: Paulus, 2016, p. 71. [↑](#footnote-ref-18)
18. ‘Radicais invadem e depredam o Planalto, Congresso e o Supremo’, *CNN Brasil,* 8 January, 2023. https://www.cnnbrasil.com.br/politica/radicais-invadem-e-depredam-planalto-congresso-e-supremo-veja-imagens/. [↑](#footnote-ref-19)
19. Vitor Silva, ‘Um olhar diferente do Brasil - Invasão do Congresso por populares’, Youtube, Janeiro 8, 2023, https://www.youtube.com/watch?v=e4litzHI65Y. [↑](#footnote-ref-20)
20. Sandra Jeppesen, ‘Performance Crime and Self-Surveillant Subjects in the Capitol Riots’, in Sandra Jeppesen et al, ‘*The Capitol Riots – Digital Media, Disinformation, and Democracy Under Attack’*, Routledge: New York, 2022, pp.127-135. [↑](#footnote-ref-21)
21. Jeppesen, ‘Performance Crime’, p. 135 [↑](#footnote-ref-22)
22. A crise humanitária mencionada não teve início em 2023, como já indicado neste texto, mas vem se agudizando ao longo dos anos a partir da falta de políticas públicas que reconheçam os direitos dos indígenas no Brasil. Não se trata somente de defesa da terra, mas de todo um ecossistema que vincula-se a camadas históricas de destruição. Janeiro de 2023, porém, foi o mês onde os dois fatos transformaram-se em acontecimento midiático, ganhando visibilidade internacional, com poucos dias de diferença entre um e outro. São fatos aparentemente separados, mas que estão interligados exatamente porque trazem marcas das políticas bolsonaristas. [↑](#footnote-ref-23)
23. Susan Sontag, ‘Diante da dor dos outros’, São Paulo: Companhia das Letras, 2003. [↑](#footnote-ref-24)
24. @urihiyanomami, ‘Desnutrição na terra Yanomami’, Instagram post, 20 January 2023, 14:30, https://www.instagram.com/p/CnorWm0OLwc/?utm\_source=ig\_web\_copy\_link&igshid=MzRlODBiNWFlZA==. [↑](#footnote-ref-25)
25. @urihiyanomami,’Você pode ajudar o povo Yanomami, Instagram post, 9 February 2023, 10:02, www.instagram.com/p/Coc5I7gPKEl/ [↑](#footnote-ref-26)
26. Achilles Mbembe, *Necropolitics*, Durham: Duke University Press, 2019. [↑](#footnote-ref-27)
27. Judith Butler, ‘*Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?*, Trad. Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. [↑](#footnote-ref-28)
28. Sontag, *Diante da dor dos outros*, p. 104. [↑](#footnote-ref-29)
29. Kamper, *Mudança de Horizonte*, p. 117. [↑](#footnote-ref-30)
30. Na caracterização das imagens, optamos por estes três adjetivos pelo efeito visual de sua grafia, visto que todos iniciam por sed-, embora sua etimologia seja diferente. [↑](#footnote-ref-31)
31. Expressão utilizada por Roland Barthes. Ver Roland Barthes, *Câmara Clara,* Trad. Julio Castanon Guimaraes, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. [↑](#footnote-ref-32)
32. Giorgio Agamben, *Homo sacer*: *o poder soberano e a vida nua I*, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 135. [↑](#footnote-ref-33)
33. Fausto Neto, ‘Mediação, midiatização: conceitos entre trajetórias, biografias e geografias’,in Jairo Ferreira et al. *Entre o que se diz e o q*ue *se pensa: onde está a midiatização*. Santa Maria: FACOS, 2018. [↑](#footnote-ref-34)
34. Fausto Neto, ‘Mediação, mediatização’, p. 68. [↑](#footnote-ref-35)